

# Teologia como ciência

Rudolf von Sinner\*

*A idéia de que a teologia seja uma ciência  
é negada tanto pela ciência,  
como também no âmbito da própria teologia.<sup>1</sup>*

**Resumo:** A teologia no seu caráter científico está sendo questionada tanto por parte de outras ciências, quanto por parte dos fiéis que temem perder sua fé ao estudar a teologia academicamente. Definindo a teologia como a reflexão metodologicamente responsável sobre o falar de Deus, este artigo defende que seja encarada como jogo de palavras, a ser feito com humor, com paixão e com-paixão, com esmero acadêmico e no reconhecimento de sua responsabilidade pública.

**Resumen:** La teología en su carácter científico está siendo cuestionada tanto por parte de otras ciencias, cuanto por parte de los fieles que temen perder su fe al estudiar la teología académicamente. Definiendo la teología como la reflexión metodológicamente responsable sobre el hablar de Dios, este artículo defiende que sea encarada como juego de palabras, a ser hecho con humor, con pasión y con-pasión, con esmero académico y en el reconocimiento de su responsabilidad pública.

**Abstract:** Theology in its scientific character is being questioned by other sciences as well as by the faithful who fear they will lose their faith studying theology academically. Defining theology as a methodologically responsible reflection on God's talking, this article defends that it be viewed as word play, to be done with humor, with passion and compassion, with academic diligence and with the recognition of its public responsibility.

---

\* Professor de Teologia Sistemática, Ecumenismo e Diálogo Inter-Religioso e Pró-Reitor de Pós-Graduação e Pesquisa da Faculdades EST, em São Leopoldo/RS. Palestra proferida no VI Salão de Pesquisa da Faculdades EST, em 28 de agosto de 2007.

<sup>1</sup> BRANDT, Hermann. Por que teologia "científica"? *Estudos Teológicos*, v. 12, n. 2, p. 94, 1972.

A pergunta básica que está atrás do título que me fora dado, o “estatuto teórico-científico da teologia”, é: a teologia é ciência? É a pergunta mais imediata que se faz num salão de pesquisa apoiado pela CAPES, uma entidade governamental de fomento à pesquisa e ao ensino científicos. Pergunta-se, conseqüentemente: a teologia tem lugar na academia, na comunidade científica, junto com a filosofia, a história, a sociologia, mas também a física, a biologia, a matemática? Por outro lado, há o questionamento que atormenta muitos estudantes que entram nesta instituição: fazendo teologia como ciência, de modo acadêmico, não se perde a fé? Este questionamento é legítimo e pertinente. Mas dele resulta, não poucas vezes, pela pressão das comunidades e movimentos dos estudantes e/ou pela falha de nós, professores, em poder explicar e viver a conexão entre fé e teologia, o que considero o mais perigoso fenômeno do estudo teológico: que pessoas, em vez de explorar alternativas ou dialogar com o diferente, se fechem e tentem “sobreviver” o estudo da teologia de modo meramente técnico – como se fosse simplesmente reproduzir um certo conhecimento e, assim, passar nas provas. O objetivo se torna sair “ileso” do estudo e continuar depois no ministério como anteriormente. Estuda “para brasileiro descendente de alemão ou suíço ver”, faz as provas e os devidos trabalhos, para logo mais ir embora com seu título e zombar do que se falava nas aulas.

### *Uma “theologia ludens”*

Se o estudo da teologia pode alcançar algo positivo, seria precisamente tornar o afazer teológico algo gostoso. Temos que fazer teologia com paixão (e com-paixão), mas também com humildade, reconhecendo que é nada mais nem menos que um “jogo de palavras” (Wittgenstein). A teologia é uma “theologia ludens”, uma teologia jogadora, como o teólogo suíço-alemão Dietrich Ritschl escreveu, quase que timidamente, na contracapa do seu livro sobre *A lógica da teologia*<sup>2</sup>. Evidentemente, enxergar a teologia como jogo – e não como brincadeira – não significa não levar a sério a teologia, muito menos desprezar a fé que, para muitos e por ora a grande maioria dos estudantes e professores da Faculdades EST, a norteia. Mas mostra que o que dizemos sobre a fé não é idêntico a ela. A teologia procura, isto sim, dar-lhe expressão adequada em determinado contexto. É evi-

---

2 RITSCHL, Dietrich. *Zur Logik der Theologie*. München: Kaiser, 1994.

dente que sempre há diversas possibilidades de fazê-lo. O estudo da teologia é um laboratório – ouçam os cientistas – onde se pode explorar, sem ter que decidir tudo de imediato, quais seriam as melhores palavras para dar expressão àquilo que não tem palavras, ultimamente – mas que representa “a” Palavra. Trabalhamos, constantemente, com textos de livros, e principalmente dos livros da Bíblia. Mas não podemos esquecer que não somos, precisamente, uma religião do “livro” enquanto objeto, nem mesmo do livro enquanto texto, mas da Palavra, do *logos*, do Cristo presente mediante o Espírito Santo. É por isso que Paulo diz que “a fé vem da pregação”, ou melhor, “do ouvir” (Rm 10.17), como diz no grego (*eks akoés*), bem refletido no latim da Vulgata “*fides ex auditu*”. Isto é refletido na Confissão de Augsburgo, quando afirma que “para conseguirmos essa fé, instituiu Deus o ofício da pregação, dando-nos o evangelho e os sacramentos, pelos quais, como por meios, dá o Espírito Santo, que opera a fé, onde e quando lhe apraz, naqueles que ouvem o evangelho”<sup>3</sup>. Confiando nessa presença da Palavra e na ação do Espírito Santo, nosso fazer teológico perde não sua seriedade, mas um tanto de peso. A teologia é feita também com humor.<sup>4</sup>

### Uma teologia gramática

Enquanto teologia acadêmica, a teologia precisa argumentar, dar suporte teórico a suas afirmações. Nomeadamente a teologia sistemática procura, muito mais do que afirmar um corpo fixo de proposições tipo “para sermos salvos, precisamos ser batizados”, explorar a *gramática da fé*, isto é, um conjunto de regras que norteiam nossas afirmações.<sup>5</sup> Isto produz identidade na fé cristã, pois segura a coerência nas variadas tentativas de traduzir as narrativas [*stories*] bíblicas em ensinamentos teológicos.<sup>6</sup> Como ficamos sabendo que estamos captando o que o autor bíblico quer dizer? Não é por uma compreensão (supostamente) literal, direta, que nega a diferença

---

3 A CONFISSÃO DE AUGSBURGO. Edição comemorativa 1530-2005. São Leopoldo: Sinodal; Porto Alegre: Concórdia; Curitiba: Encontro, 2005. p. 12; cf. BAYER, Oswald. **Viver pela fé**: justificação e santificação. São Leopoldo: Sinodal, 1997. p. 40-51.

4 Cf. PANIKKAR, Raimon. Morte e ressurreição da Teologia. **Horizonte**, v. 4, n. 7, p. 25, 2005.

5 Cf. DALFERTH, Ingolf U. (Ed.). **Sprachlogik des Glaubens**: Texte analytischer Religionsphilosophie und Theologie zur religiösen Sprache. München: Kaiser, 1974; HOLMER, Paul H. **The Grammar of Faith**. San Francisco: Harper & Row, 1978.

6 RITSCHL, Dietrich; HAILER, Martin. **Diesseits und jenseits der Worte**: Grundkurs Christliche Theologie. Neukirchen-Vluyn: Neukirchener, 2006. p. 27-61; RITSCHL, Dietrich. O conceito de *story* na ética da saúde. **Estudos Teológicos**, v. 47, n. 1, p. 65-82, 2007.

de tempo e contexto entre o momento da escrita e da leitura. Também não é por congenialidade com o autor, como diria Schleiermacher.<sup>7</sup> Sabemos muito pouco sobre o autor, ou o grupo de autores, e, uma vez que o texto foi escrito, ele também assume uma dinâmica própria. Como diria Croatto, ele assume uma nova polissemia após ser publicado, ele pode ser lido de várias maneiras, correspondendo ou não à intenção do autor.<sup>8</sup> O autor desaparece atrás do texto, ainda mais quando é um texto tão velho. A verdade também não está no texto enquanto estrutura, como queriam os estruturalistas. Ela se encontra *atrás* ou *embaixo* do texto, para usar esta metáforas espaciais, estando lá o axioma que rege nosso falar de Deus. Assim, por exemplo, falamos de um Deus que liberta a partir da narrativa do êxodo do povo de Israel do Egito. Qual a importância que tem isto para nós hoje? É que afirmamos que Deus ainda liberta, que Deus é um Deus fiel para com seu povo. As freqüentes citações da Escritura nos Evangelhos, muitas vezes usadas por Jesus mesmo, querem confirmar que Deus cumpre suas promessas. O próprio nascimento de Jesus é cumprimento de uma promessa, como mostra, por exemplo, o motivo da fuga para o Egito em Mt 2 (13-15), que faz referência a Os 11.1, onde diz: “Do Egito chamei meu filho”<sup>9</sup>.

Tais regras do uso da linguagem teológica podem ser formuladas, mas as formulações nunca são fixas. Na linguagem de Dietrich Ritschl, são “axiomas implícitos”, ou seja, princípios reguladores que não são petrificados em fórmulas fixas uma vez por todas, mas que estão sutilmente embutidos nas afirmações sobre a fé.<sup>10</sup> Dão a identidade cristã à teologia, o que pode ser chamado, com propriedade, de *catolicidade*.<sup>11</sup> A teologia é católica neste sentido amplo, ou seja, universal no tempo e no espaço, através dos séculos e englobando o cristianismo e suas vertentes no mundo inteiro.

---

7 “[...] a tarefa da hermenêutica consiste em reconfigurar, da maneira mais perfeita, todo o transcurso interior da atividade compositora do escritor”, apud GRONDIN, Jean. **Introdução à hermenêutica filosófica**. Trad. Benno Dischinger. São Leopoldo: Unisinos, 1999. p. 131. Schleiermacher distinguia entre uma interpretação “gramatical” e uma “psicológica”, pressupondo que “tudo o que deve ser pressuposto na hermenêutica é apenas a linguagem”, apud *ibid.*, p. 125; SCHLEIERMACHER, Friedrich D. E. **Hermenêutica e crítica**. Trad. Aloísio Ruedell. Ijuí: Editora Ijuí, 2005. v. 1.

8 CROATTO, J. Severino. **Hermenêutica bíblica**: para uma teoria da leitura como produção de significado. São Leopoldo: Sinodal, 1986.

9 RITSCHL; HAILER, 2006, p. 31.

10 RITSCHL, 1994, p. 138ss.

11 Cf. COMISSÃO DE FÉ E ORDEM – CONIC. **Um tesouro em vasos de argila**: instrumento para uma reflexão ecumênica sobre a hermenêutica. São Paulo: Paulinas, 2000. p. 33-36; SINNER, Rudolf von. **Hermenêutica ecumênica para um cristianismo plural**: reflexões sobre contextualidade e catolicidade. *Estudos Teológicos*, v. 44, n. 2, p. 27-31, 2004.

Equipara-se, neste sentido, à *ecumenicidade* da fé e da teologia. Porém, está em uma qualidade e não quantificação, ou seja, não é simplesmente a soma de todas as posições pensáveis, mas sim sua coerência a partir dos seus axiomas.

### *Uma teologia acadêmica*

Portanto, a teologia é a reflexão metodologicamente responsável sobre o falar de Deus, esta linguagem primária que proclama a boa nova de Deus e se dirige a Ele em louvor e oração. Não é restrita a teólogas e teólogos academicamente formados, mas é de forma especial tarefa destas e destes apresentarem e discutirem argumentos teológicos sobre determinado assunto da fé. É neste sentido que a teologia é ciência: está sempre à procura da verdade, ainda que não a possua nem a possa encontrar de forma absoluta. Apresenta o que dela percebe com argumentos que podem ser criticados e discutidos. A dúvida é um importante motor desta procura, desde que não destrua a fé num ceticismo sem fim.<sup>12</sup> Preserva, contudo, a teologia de cair num dogmatismo auto-reprodutivo. São estes mesmos dois perigos que qualquer ciência enfrenta: cair no ceticismo ou no dogmatismo, ou seja, na “negação de uma diferença sustentável entre opinião e conhecimento” ou na “restrição do conhecimento científico a um tipo muito específico de conhecimento”<sup>13</sup>.

Isto não é para dizer que a teologia se reduz ao acadêmico. “Todos somos teólogos, significa cada cristão. Todos somos chamados de teólogos, de modo que todos somos cristãos”, afirmava Lutero.<sup>14</sup> Pessoas não profissionais em teologia refletem sobre a fé, seja de forma apaixonada, de dentro, ou de forma crítica e distanciada, de fora. Embora se compreenda a fé, afinal, apenas de dentro, e assim também a teologia, é possível falar sobre a fé de forma acadêmica, descritiva, exploratória. Precisamente por isso é que a teologia tem seu direito na academia, porque consegue fazer

---

12 Cf. BARTH, Karl. **Introdução à teologia evangélica**. Trad. Lindolfo Weingärtner. 7. ed. São Leopoldo: Sinodal, 2002. p. 78-84; TILLICH, Paul. **Dinâmica da fé**. Trad. Walter O. Schlupp. 7. ed. São Leopoldo: Sinodal, 2002. p. 15-19.

13 DALFERTH, Ingolf Ulrich. Öffentlichkeit, Universität und Theologie. In: ARENS, Edmund; HOPING, Helmut (Org.). **Wieviel Theologie verträgt die Öffentlichkeit?** Freiburg: Herder, 2000. p. 61.

14 WA 41,11, cf. MOLTSMANN, Jürgen. O que é teologia? In: \_\_\_\_\_. **Experiências de reflexão teológica: caminhos e formas da teologia cristã**. Trad. Nélio Schneider. São Leopoldo: Unisinos, 2004. p. 17-78, especialmente p. 23-26.

esta ponte do viver da fé para o pensar sobre a fé. Nisto, ela precisa da filosofia para articular-se, pois esta providencia um instrumentário analítico útil para o afazer teórico-científico da teologia.

Podemos agora melhor definir de que estamos falando. Teologia, palavra usada desde Platão, significa literalmente o falar *sobre* Deus e falar *de* Deus.<sup>15</sup> A fé é nossa reação à palavra de Deus, o *logos theou*, enquanto o falar sobre Deus é possível apenas de forma mediada. Gregório de Nissa considerava blasfêmia tornar Deus um conceito, fazendo dele um objeto do nosso pensamento.<sup>16</sup> Contudo, temos um testemunho, ou melhor, uma coletânea de testemunhos: a Bíblia nos fala de Deus, e precisamos dar expressão dessa nossa fé. Desde o início do cristianismo, a fé precisava de explicação, era *fides quaerens intellectum*, a “fé procurando o entendimento”, expressão cunhada por Anselmo de Cantuária (ca. 1033-1109) e retomada por muitos teólogos até os nossos tempos.<sup>17</sup> Paulo, o primeiro escritor do Novo Testamento, argumentava com seus adversários, desafiando até Pedro: “Quando, porém, Cefas veio a Antioquia, resisti-lhe face a face, porque se tornara repreensível” (Gl 2.11). Pedro, por sua vez, chamava seus destinatários a estarem “sempre preparados para responder a todo aquele que vos pedir razão da esperança que há em vós” (1 Pe 3.15). Os Pais da Igreja visaram defender a fé (apologia) contra os questionamentos dos filósofos, desta forma criando uma explicação da fé a partir de uma postura de fé, mas em interação com os argumentos filosóficos. A teologia da libertação procurou responder à situação social e econômica como descrita pelas ciências sociais. Continua em pauta o questionamento da teologia por parte das chamadas ciências da vida [*life sciences*], em relação à evolução do

---

15 Com propriedade, Bultmann já insistiu 80 anos atrás que se trata de um falar *de* Deus e não *sobre* Deus, pois “não é possível falar de Deus em sentenças e verdades genéricas que sejam verdadeiras sem ter nenhuma relação com a situação existencial concreta da pessoa que fala”; BULTMANN, Rudolf. Que sentido faz falar de Deus? [1925]. In: \_\_\_\_\_. **Crer e compreender**: ensaios selecionados. Ed. revista e ampliada. Trad. Walter Schlupp, Walter Altmann e Nélio Schneider. São Leopoldo: Sinodal, 2001. p. 21.

16 Apud PANIKKAR, 2005, p. 26. É por isso que Panikkar distingue entre um conhecimento conceitual, científico e um conhecimento simbólico, que exige minha participação, que é um “conhecimento concreto, existencial, e polissêmico” (ibid., p. 28).

17 Teria sido este o nome do seu livro que acabou sendo publicado sob o título de *prosligion*, “alocução”, como afirma no prólogo do livro: SANTO ANSELMO. *Prosligion*. Seguido do *Livro em favor de um insensato*, de Gaunilo, e do *Livro apologético*. Trad. Costa Macedo. Porto: Porto Editora, 1996. p. 20; cf. BARTH, Karl. **Fé em busca de compreensão**: fides quaerens intellectum [1958]. São Paulo: Novo Século, 2000; BOFF, Clodovis. **Teoria do método teológico**. Petrópolis: Vozes, 1998. p. 25-39.

mundo e à própria origem da religião.<sup>18</sup> Assim, a teologia em cada momento e contexto precisa dar conta da fé pelo uso da razão, permitindo sua compreensão também por aqueles que não crêm.

O objeto da teologia acadêmica, então, não é propriamente Deus, mas o *falar de Deus*. Analisa como a fé está sendo explicitada, com quais argumentos, recorrendo a quais fontes de que modo, e observando e analisando os diferentes modos de se fazer a explicação da fé. Nesta observação, entra também o contexto, tanto histórico, desde a exegese bíblica até a história da doutrina, quanto atual, procurando fazer uma teologia relevante para o contexto contemporâneo em determinado lugar, sem esquecer a catholicidade da fé, ou seja, a coerência da fé ao longo do tempo e no conjunto das vozes do ecumenismo hodierno. O cristianismo, mais do que nunca, é uma religião universal (católica), tanto no sentido geográfico (o movimento centrifugal), quanto no sentido teológico (o movimento centripetal), pela universalidade da proclamação de Jesus, enfatizada por Paulo: “não pode haver judeu nem grego” (Gl 3.28). É por isso que a teologia é feita, ao mesmo tempo, a partir de uma tradição confessional específica, no nosso caso da luterana, e dentro do conjunto ecumênico das tradições cristãs. Ainda situa o cristianismo dentro das religiões do país e do mundo. Enquanto relaciona a religião cristã com a doutrina própria a esta religião e explora sua adequação à escritura, à tradição confessional e ao contexto específico, passa da mera descrição e comparação da ciência da religião. Sem, de modo algum, querer desprezar a última, que é de alta importância para o esclarecimento do fenômeno religioso<sup>19</sup>, a teologia se distingue claramente em que enfoca a religião cristã e trata de questões normativas, além de descritivas.

---

18 Cf. BRAKEMEIER, Gottfried. **Ciência ou religião: quem vai conduzir a história?** São Leopoldo: Sinodal, 2006; WESTPHAL, Euler R. **O oitavo dia na era da seleção artificial**. São Bento do Sul: União Cristã, 2004; PETERS, Ted; BENNETT, Gaymon (Org.). **Construindo pontes entre a ciência e a religião**. Trad. Luís Carlos Borges. São Paulo: UNESP; Loyola, 2003; SEGUNDO, Juan Luís. **Que mundo? Que homem? Que Deus?: aproximações entre ciência, filosofia e teologia**. São Paulo: Paulinas, 1995.

19 Cf. BRANDT, Hermann. As ciências da religião numa perspectiva intercultural: a percepção oposta da fenomenologia da religião no Brasil e na Alemanha. **Estudos Teológicos**, v. 46, n. 1, p. 122-151, 2006; TEIXEIRA, Faustino (Ed.). **A(s) ciência(s) da religião no Brasil: afirmação de uma área acadêmica**. São Paulo: Paulinas, 2001.

### Uma teologia pública

A teologia é, por sua própria natureza, pública. A proclamação de Jesus Cristo, a quem a teologia cristã se deve, foi pública. Disse Jesus na frente do sumo sacerdote: “Eu tenho falado francamente ao mundo; ensinei continuamente tanto nas sinagogas como no templo, onde todos os judeus se reúnem, e nada disse em oculto” (Jo 18.20). Ainda que Jesus soubesse que esta proclamação pública lhe fosse perigoso, a boa nova não podia ficar escondida. A teologia, enquanto reflexão metodologicamente responsável do falar de Deus, tem como objeto esta proclamação pública e a abre para ampla discussão com outras ciências e religiões. No conjunto das ciências, ela mantém aberta a possibilidade de algo novo, diferente, inédito, enquanto mostra os limites de todo conhecimento humano. Afirma o teólogo alemão Ingolf Ulrich Dalferth:

Com boa razão a teologia está [...] sendo ensinada em universidades desde que estas existiam na Europa. Ela tem e procura seu lugar no âmbito da ciência institucionalizada [...] Isto não quer dizer que a teologia deveria submeter-se a um princípio de ciência alheia ao seu assunto e ignorar seu caráter próprio como responsabilidade pensadora da fé cristã. Quer dizer, isto sim, que aceita o dever de prestar contas publicamente sobre seu raciocínio, portanto envolver-se no discurso crítico-argumentativo sobre suas temáticas e seus argumentos.<sup>20</sup>

Diferentemente da época quando era preciso libertar a ciência, a política e a lei da prepotência da igreja, e se começou a argumentar *etsi deus non daretur*, “como se Deus não existisse”, é preciso, hoje, argumentar precisamente *etsi deus daretur*, pressupondo a existência de Deus e explorando o que isto significaria para nossa percepção do mundo.<sup>21</sup> Não poucos cientistas hoje têm consciência tanto dos limites de seu conhecimento, quanto de que há algo mais do que aquilo que nos é acessível empiricamente.<sup>22</sup> Sabem que há um perigo real de que, ainda que rejeitem a religião, a ciência se torne uma religião que acredita cegamente nos seus pressupostos.

É bom que a teologia esteja sendo exercitada com exigências acadêmicas, com esmero científico, onde uma variedade de argumentos podem

---

20 DALFERTH, 2000, p. 66.

21 DALFERTH, 2000, p. 71.

22 Cf. como exemplo MATURANA, Humberto R.; VARELA, Francisco J. **A árvore do conhecimento**: as bases biológicas da compreensão humana. Trad. Humberto Mariotto e Lia Diskin. São Paulo: Palas Athena, 2001.

ser testados. A faculdade de teologia é um laboratório para dentro e para fora, não para fugir das questões existenciais da fé ou eximir-se de dar uma posição sobre assuntos da fé e do mundo, mas para exercitar modos de explicar, compreender e discutir. Temos hoje muitos pastores e pastoras matriculados e matriculadas em integralização, pois querem seu grau de bacharel reconhecido pelo Ministério da Educação. Isto tem por consequência o fato de que batistas, luteranas, metodistas, pentecostais, presbiterianos e católicas precisam sentar e discutir juntos, o que quase nunca fazem no cotidiano. São forçadas e forçados a sair do ambiente denominacional, onde tudo é ou ao menos parece claro, e expor-se aos questionamentos dos e das demais. Isto é altamente saudável e é facilitado pelo estatuto da teologia como ciência, reconhecida oficialmente no cânon das ciências também no Brasil desde 1999. Encerro com a conhecida afirmação de Paulo, que aqui entendo como encorajamento ao exercício acadêmico da teologia, com humor, paixão e com-paixão: “Todas as coisas são lícitas, mas nem todas convêm; todas são lícitas, mas nem todas edificam. [...] Portanto, quer comais, quer bebais ou façais outra coisa qualquer, fazei tudo para a glória de Deus” (1 Co 10.23, 31).

### Referências

- A CONFISSÃO DE AUGSBURGO. Edição comemorativa 1530-2005. São Leopoldo: Sinodal; Porto Alegre: Concórdia; Curitiba: Encontro, 2005.
- BARTH, Karl. **Fé em busca de compreensão**: fides quaerens intellectum [1958]. São Paulo: Novo Século, 2000.
- \_\_\_\_\_. **Introdução à teologia evangélica**. Trad. Lindolfo Weingärtner. 7. ed. São Leopoldo: Sinodal, 2002.
- BAYER, Oswald. **Viver pela fé**: justificação e santificação. São Leopoldo: Sinodal, 1997.
- BENNETT, Gaymon (Org.). **Construindo pontes entre a ciência e a religião**. Trad. Luís Carlos Borges. São Paulo: UNESP; Loyola, 2003.
- BOFF, Clodovis. **Teoria do método teológico**. Petrópolis: Vozes, 1998.
- BRAKEMEIER, Gottfried. **Ciência ou religião**: quem vai conduzir a história? São Leopoldo: Sinodal, 2006.
- BRANDT, Hermann. As ciências da religião numa perspectiva intercultural: a percepção oposta da fenomenologia da religião no Brasil e na Alemanha. **Estudos Teológicos**, v. 46, n. 1, p. 122-151, 2006.
- \_\_\_\_\_. Por que teologia “científica”? **Estudos Teológicos**, v. 12, n. 2, p. 94, 1972.
- BULTMANN, Rudolf. **Crer e compreender**: ensaios selecionados. Ed. revista e

ampliada. Trad. Walter Schlupp, Walter Altmann e Nélio Schneider. São Leopoldo: Sinodal, 2001.

COMISSÃO DE FÉ E ORDEM – CONIC. **Um tesouro em vasos de argila**: instrumento para uma reflexão ecumênica sobre a hermenêutica. São Paulo: Paulinas, 2000.

CROATTO, J. Severino. **Hermenêutica bíblica**: para uma teoria da leitura como produção de significado. São Leopoldo: Sinodal, 1986.

DALFERTH, Ingolf Ulrich. (Ed.). **Sprachlogik des Glaubens**: Texte analytischer Religionsphilosophie und Theologie zur religiösen Sprache. München: Kaiser, 1974.

\_\_\_\_\_. **Öffentlichkeit, Universität und Theologie**. In: ARENS, Edmund; HOPING, Helmut (Org.). **Wieviel Theologie verträgt die Öffentlichkeit?** Freiburg: Herder, 2000.

GRONDIN, Jean. **Introdução à hermenêutica filosófica**. Trad. Benno Dischinger. São Leopoldo: Unisinos, 1999.

HOLMER, Paul H. **The Grammar of Faith**. San Francisco: Harper & Row, 1978.

MATURANA, Humberto R.; VARELA, Francisco J. **A árvore do conhecimento**: as bases biológicas da compreensão humana. Trad. Humberto Mariotto e Lia Diskin. São Paulo: Palas Athena, 2001.

MOLTMANN, Jürgen. **Experiências de reflexão teológica**: caminhos e formas da teologia cristã. Trad. Nélio Schneider. São Leopoldo: Unisinos, 2004.

PANIKKAR, Raimon. Morte e ressurreição da Teologia. **Horizonte**, v. 4, n. 7, p. 25, 2005.

RITSCHL, Dietrich. O conceito de *story* na ética da saúde. **Estudos Teológicos**, v. 47, n. 1, p. 65-82, 2007.

RITSCHL, Dietrich. **Zur Logik der Theologie**. München: Kaiser, 1994.

RITSCHL, Dietrich; HAILER, Martin. **Diessets und jenseits der Worte**: Grundkurs Christliche Theologie. Neukirchen-Vluyn: Neukirchener, 2006.

SCHLEIERMACHER, Friedrich D. E. **Hermenêutica e crítica**. Trad. Aloísio Ruedell. Ijuí: Editora Ijuí, 2005.

SEGUNDO, Juan Luís. **Que mundo? Que homem? Que Deus?**: aproximações entre ciência, filosofia e teologia. São Paulo: Paulinas, 1995.

SINNER, Rudolf von. **Hermenêutica ecumênica para um cristianismo plural: reflexões sobre contextualidade e catolicidade**. **Estudos Teológicos**, v. 44, n. 2, p. 27-31, 2004.

TEIXEIRA, Faustino (Ed.). **A(s) ciência(s) da religião no Brasil**: afirmação de uma área acadêmica. São Paulo: Paulinas, 2001.

TILLICH, Paul. **Dinâmica da fé**. Trad. Walter O. Schlupp. 7. ed. São Leopoldo: Sinodal, 2002.

WESTPHAL, Euler R. **O oitavo dia na era da seleção artificial**. São Bento do Sul: União Cristã, 2004.